

## **Gordofobia, mocinha só magrinha: valores do corpo feminino nas telenovelas<sup>1</sup>**

Bruna Barbosa PEREIRA<sup>2</sup>

Pedro Pinto de OLIVEIRA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

### **Resumo**

O presente artigo analisa a representação de duas mulheres nominadas de “gordas” exibidas em telenovelas da Rede Globo, emissora referência na dramaturgia, em seu horário nobre. A partir do olhar relacional da comunicação, buscamos identificar as marcas discursivas de configuração de um padrão estético de beleza feminina. Como a comunicação organiza e articula a ideia da impossibilidade das personagens “gordas” terem a glorificação das protagonistas heroínas, cujo padrão é a “magreza”. As bases teóricas do paradigma relacional da comunicação e a compreensão de conceitos de enquadramento de Goffman e dos valores na esfera midiática de Vera França, foram usadas para a percepção e análise da construção dos sentidos, de valores negativos, nos enunciados “gordofóbicos” presentes na linguagem corporal, na interação dos outros personagens com a mulher gorda e no seu figurino.

**Palavras-chave:** Televisão; Ficção seriada; Feminismo; Gordofobia; Enquadramento

### **Introdução**

O foco do nosso objeto de estudo é a relação da indústria midiática, seus produtos e o público, e o padrão de beleza imposto para as mulheres. Tomamos como instrumento de análise a dramaturgia produzida pela emissora Rede Globo, além da reflexão sobre a dinâmica na produção televisiva e dos valores negativos de preconceito com a mulher gorda. Entendemos ser um debate oportuno, pois a noção de “gordofobia” ainda é um conceito pouco explorado pelo campo comunicacional em suas análises. Utilizando como eixo teórico o paradigma relacional da comunicação, o conceito de enquadramento estudado por Erving Goffman e a noção de valores da professora Vera Regina Veiga França, a pesquisa busca demonstrar como a televisão explora valores estéticos e dita o que é “feio” e “belo” e como essas situações orientam e atravessam as relações sociais.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na divisão temática de Comunicação Audiovisual da Intercom Júnior XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º semestre de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da FCA-UFMT, email: barbosapereirab@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor Adjunto de Comunicação da UFMT, email: ppo@terra.com.br.

O papel de mulher protagonista é reservado, neste padrão atual, à mulher que corresponda aos valores do que seria a “beleza”: magra, alta, cabelos lisos, essencialmente feminina e sensual. Examinamos duas novelas que nos chamaram a atenção sobre as representações, extremamente surreais e gordofóbicas, de mulheres gordas: a personagem Bia Martins (Alto Astral) e Perséfone Fortino (Amor à vida). Por meio do enquadramento foi possível identificar quais os *frames* de sentido em que essas personagens estão inseridas e como os sujeitos irão agir sob tal percepção da realidade. O conceito de Goffman possibilita entender o contexto que a relação entre o programa e a audiência (telespectadores das telenovelas) se realizam, enquanto que o texto de França auxilia na construção de quais valores a mídia traduz em suas representações do corpo feminino.

Desde criança, a mulher é apresentada às princesas da Disney, aos desenhos animados, às bonecas Barbie, etc.. Além disso, desde criança, essa mulher não se vê representada pela mídia, porque as princesas são magras, possuem cabelos lisos, são delicadas e esperam o príncipe encantado. Nos desenhos animados, a representação de uma sala de aula raramente inclui uma criança gorda. Ademais, a boneca Barbie é o brinquedo mais desejado por uma criança e é loira, magra e esguia.

Neste sentido, falta representação na mídia para o corpo da mulher gorda, que passa desde a infância até a fase adulta espelhando-se em padrões inalcançáveis e, por vezes, até mesmo por caminhos mortais. A mídia (trans)forma e toma para si o corpo da mulher, impõe o formato que devem ter os seios, as pernas, a barriga e o rosto de uma mulher. Por meio do estudo de duas personagens de novelas produzidas pela Rede Globo é possível observar o posicionamento da mídia a respeito do corpo feminino, que não corresponde às expectativas do padrão de beleza e como ocorre a interação entre a telespectadora e a mensagem transmitida pelas personagens. A mulher gorda pode e deve ocupar o espaço de protagonista em uma novela global do horário nobre, sendo representada como uma mulher tal qual todas as outras, não como um objeto para a audiência rir ou sentir pena.

### **Contextualizando o Movimento Feminista**

Faremos uma breve contextualização do Movimento Feminista para situar a origem do termo gordofobia. O movimento se define como social, filosófico e político e teve seu primeiro registro no século XIX, provavelmente relacionando feminismo e a liberdade do corpo da

---

mulher. Segundo estudos, a atividade feminista pode ser dividida em dois importantes momentos, nomeados de ondas<sup>4</sup>.

A primeira onda ocorreu no século XIX e se estendeu até o século XX. A segunda onda, por sua vez, teve início na metade dos anos 60. A pauta da luta foi a reivindicação de direitos à vida pública e a igualdade entre gêneros. Um exemplo conhecido é o movimento sufragista. Alguns historiadores apontam, ainda, uma terceira onda, que teve início na década de 90, quando as ativistas buscaram ampliar o debate e começaram a contestar a autonomia de seus corpos e sua liberdade sexual para que o corpo da mulher não fosse mais visto como propriedade do patriarcado.

Nesse momento, a ditadura da magreza começa a influenciar os costumes das mulheres da década. O estereótipo de mulher magra e alta começa a ser expandido como novo modelo estético e alcançar o padrão exigido passa a ser um esforço. Questionar estes padrões estéticos é desconstruir os conceitos de feminilidade e beleza impostos à mulher, principalmente a mulher gorda. É importante diferenciarmos pressão estética e gordofobia: a mulher, no geral, é julgada unicamente por sua aparência e se cobra diariamente para se encaixar no almejado padrão de beleza, porém ser uma mulher gorda na sociedade é sofrer essa pressão em outros níveis. Significa a vaga de emprego perdida, a falta de acessibilidade, os olhares de repulsa de desconhecidos e uma sociedade com aval para criticar seu corpo com o preconceito disfarçado de preocupação com a saúde.

### **A Protagonista Veste Tamanho 36**

Ainda na infância, a mulher é apresentada à competição feminina e aprende que criticar o corpo e a aparência da outra é completamente aceitável. A sociedade ainda não compreende o quão problemático é para uma criança gorda, crescer bombardeada por referências que não se identifica. Na televisão, tudo que ela vê são princesas magras e “perfeitas” que aguardam a chegada do príncipe encantado. Nos desenhos animados também não se enxerga ao escolher sua boneca preferida. Desta forma, mais uma vez, esta criança receberá a mensagem de que seu corpo não existe. Ao chegar à escola, ainda pequena, a criança entende a existência do padrão ao ter sua aparência comparada com a de outras meninas. Além de muitas vezes sofrer *bullying* e aprende a odiar o seu corpo.

---

<sup>4</sup> O termo "primeira onda" foi cunhado em março de 1968 por Marsha Lear ao escrever na *The New York Times Magazine*.

Neste sentido, começará a perseguir um ideal de beleza representado pelas princesas da Disney e pelas bonecas Barbie, personagens que representam a construção social que a acompanhará até a vida adulta, quando seu foco se torna ser como a mocinha apaixonada e feminina explorada massivamente pela mídia. Nas bancas, todas as revistas ditam as regras para alcançar o corpo perfeito como o da atriz. O corpo gordo feminino não serve para estampar capas de revista, propagandas comerciais e muito menos para protagonizar o papel de heroína em uma novela global.

Não é de hoje que ao observar o bloco de horários reservados para telenovelas da Rede Globo, que ainda é referência nas produções do gênero, percebemos que todas as suas protagonistas são representadas com base em estereótipos sexistas. O papel de destaque nunca será reservado para a atriz gorda, pois não é o interesse principal da mídia, muito menos o da indústria da beleza. Portanto, podemos construir o estereótipo da mulher: magra acima de qualquer coisa, cabelos lisos e sedosos, pele branca e que exale feminilidade na forma de se comportar e mais ainda em seu vestuário.

Ao descrevermos as atuais protagonistas globais é possível identificar como ocorre a construção de modismos por meio dos dispositivos midiáticos em conjunto com a indústria da beleza. Através da televisão “[...] papéis sociais são atualizados, sujeitos se dão a ver e se posicionam, problemas ganham visibilidade, tendências se esboçam. A TV é um centro de forças.” (FRANÇA, 2012, p.3)

“Malhação: Seu Lugar no Mundo”, “Êta Mundo Bão”, “Haja Coração”, “Velho Chico” e “Liberdade, Liberdade”, são as produções exibidas atualmente pela Rede Globo, em seu bloco reservado para a dramaturgia. Todas elas são protagonizadas por mulheres essencialmente femininas, muitas vezes ingênuas e principalmente magras, ou seja, o estereótipo midiático que já é velho conhecido da mulher. Ninguém nasce repudiando e hostilizando a mulher gorda, não se trata de uma questão biológica, mas sim, social. Somos ensinados, desde crianças, que ser magro é sinônimo de popularidade e realização pessoal.

A obsessão em se alcançar um corpo magro, como se através dele fosse possível encontrar o equilíbrio, a felicidade, ou ao menos, externamente teríamos a imagem de uma pessoa feliz, traz à tona também a questão de uma imposição de um tipo ideal de corpo que, na maioria das vezes, é inatingível e que relega à periferia da sociedade as pessoas que não partem nesta busca e acabam sendo tidas como desviantes (VASCONCELOS, SUDO e SUDO, 2004, p.76).

## **Dramaturgia da Rede Globo, balizamento histórico**

Em um resumido balizamento histórico, a TV chegou ao país na década de 50 e era uma regalia ostentada apenas por aqueles que possuíam maior poder aquisitivo, pois o aparelho custava três vezes mais que o rádio, que na época era cobiçado pelas famílias de classe média.

“Sua Vida me Pertence” dirigida e escrita pelo também ator Walter Foster, foi transmitida pela extinta TV Tupi em 1951, indo ao ar apenas duas vezes por semana. A novela contou com 25 episódios que eram exibidos ao vivo. Além de ter sido eternizada como a primeira telenovela brasileira, em seu último capítulo a trama exibiu o beijo entre os protagonistas, sendo também o primeiro da televisão no Brasil.

Muitas mudanças na dramaturgia ocorreram 65 anos depois do primeiro episódio de “Sua Vida me Pertence”. A palavra-chave das telenovelas brasileiras atualmente é a verossimilhança, visto que os autores se preocupam cada vez mais em fazer com que seu público alvo se sinta representado. O gênero telenovela se tornou um produto vendido para atender as grandes massas e reproduzir conceitos que, na realidade, hostilizam e apagam minorias, como é o caso das mulheres gordas.

Atualmente são seis as principais emissoras de transmissão nacional<sup>5</sup>, porém podemos afirmar que a Rede Globo de televisão detém o poder midiático no Brasil. Mesmo com a queda de audiência em seus programas, suas telenovelas ainda continuam sendo produzidas e vendidas em grande escala. Quanto ao espaço reservado para a dramaturgia, a emissora possui seis horários, são eles: Vale a Pena Ver de Novo, onde são exibidas reprises de novelas já apresentadas e as novelas das 6h, 7h, 9h e das 11h, sendo o último horário relativamente novo da emissora. Além disso, a novela vespertina, Malhação, é exibida há mais de 20 anos e possui como público alvo os adolescentes.

O atual complexo de estúdios da Rede Globo foi idealizado em 1990, quando se constatou que o antigo estúdio da emissora, criado em 1965, havia se tornado pequeno para suas produções. Nomeado de Projeto Jacarepaguá, o complexo foi idealizado principalmente, para abrigar os estúdios cenográficos, a direção e a produção da rede. Entre o processo de planejamento e desenvolvimento, o PROJAC demorou 15 anos até sua inauguração. Atualmente, abrigando dezessete estúdios, cidades cenográficas, fábrica de cenários e até mesmo a casa do reality show Big Brother Brasil, o complexo é descrito como uma pequena cidade, devido sua dimensão arquitetônica.

---

<sup>5</sup> Rede Globo, SBT, Rede Record, Rede TV!, Bandeirantes e Cultura.

Mesmo com o alto investimento em dramaturgia feito pela Rede Record atualmente, é inegável que a Rede Globo ainda detém o domínio do IBOPE<sup>6</sup> horário nobre.

A Rede Globo de Televisão é parte das Organizações Globo, principal conglomerado multimídia do país. Ela possui cerca de 8.000 funcionários cobre 99,8% das cidades brasileiras através de 113 estações afiliadas. Ao longo de sua história, a Globo criou um modelo empresarial de televisão que conseguiu vincular organicamente a administração, a produção e a comercialização dos seus produtos. Também conseguiu consolidar um cast profissional e um star system sob contrato exclusivo que, aliados a uma permanente atualização tecnológica, são responsáveis pelo padrão de qualidade de suas novelas e o consequente reconhecimento e fidelidade da parte do público (LOPES, 2002. p.6).

Uma pesquisa realizada pelo IBGE<sup>7</sup> aponta que, em 2014, a televisão já estava presente em 97,1% dos 67 milhões de municípios brasileiros. Portanto, podemos reconhecer o importante papel da televisão como instrumento da construção social e da educação, visto que o telespectador passa grande parte do seu dia acompanhando a programação da grande mídia como a Rede Globo.

O *bullying*, o preconceito e a falta de representatividade estão escancarados na dramaturgia global e influenciam negativamente as jovens e adultas gordas ao exibir características inatingíveis. As características de um tipo físico considerado belo são amplificadas e os defeitos, marginalizados. A indústria da beleza é divulgada diariamente pelos meios de comunicação, escravizando e a assassinando a autoestima das mulheres.

As novelas globais, em sua maioria, são protagonizadas por heroínas que são, acima de qualquer outra característica, magras, femininas e realizadas, tanto amorosa como profissionalmente. De acordo com pesquisa realizada em 2011<sup>8</sup>, o número de pessoas com peso acima do considerado ideal pela Organização Mundial de Saúde (OMS) já ultrapassava 48,5%, sendo 25,4% representado por mulheres de 18 a 24 anos, 39,9% de 25 a 34 anos e 59,9% dos 45 aos 54 anos. Ou seja, uma grande parte do público alvo dessas tramas globais são mulheres gordas que não são representadas pelos papéis de protagonista heroína.

## Fundamentação Teórica

<sup>6</sup> Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.

<sup>7</sup> Pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-04/ibge-embardada-ate-amanha-10h-0604>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

<sup>8</sup> Levantamento realizado pela Vigitel (Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico). Disponível em: <<http://www.endocrino.org.br/numeros-da-obesidade-no-brasil/>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

As transformações da tecnologia possibilitaram o surgimento de novas mídias e diferentes formas de se comunicar que impactam a vida social contemporânea. Nesse sentido, a professora Vera Regina Veiga França (2001), conclui que a mídia e os processos comunicativos, objetos privilegiados no campo das análises comunicacionais, devido à amplitude de pessoas atingidas por esse meio de comunicação, precisam, muitas vezes, observar mais a fundo o enunciado e as representações exibidas, pois elas são recebidas de forma particular pelos telespectadores. Esta particularidade se torna clara quando França (2001, p.3) define a relação entre mídia e telespectador como “um objeto empírico de grande visibilidade e impacto”.

De acordo com Vera França (2012, p.10-11), “valores indicam preferências intersubjetivamente partilhadas e definem certos bens como mais atrativos que outros”, os produtos midiáticos ditam normas e valores que ultrapassam a barreira televisiva e influenciam direta e imediatamente a construção social. A intervenção exercida pela dramaturgia da emissora Rede Globo é consideravelmente notada, desde discursos que constroem o *agenda-setting*<sup>9</sup> a modismos, por exemplo, o figurino, o cabelo, os produtos e até mesmo o corpo de uma atriz exibidos em uma telenovela.

O conceito de enquadramento foi proposto pela primeira vez em 1954 por Gregory Bateson, porém o sociólogo Erving Goffman é mais associado ao conceito do que o próprio. Para Goffman, o enquadre deve sempre responder a questão: “O que está acontecendo aqui?”, para isso o autor parte de interações cotidianas a fim de observar a forma como cada situação é representada para e pelo interlocutor. Nesse sentido, seu pensamento teórico foi fundamentado em torno da definição de *frame*, definido por ele como o principal conformador dos quadros, ou seja, segundo Goffman “*frame* é o conjunto de princípios de organização que governam acontecimentos sociais e nosso envolvimento subjetivo neles” (1986, pp. 10-11 apud MENDONÇA e SIMÕES, 2012, p. 189).

O sociólogo aponta que os diferentes acontecimentos dentro de uma mesma situação dão origem a sobreposição de quadros, fazendo com que seja preciso o isolamento dos quadros básicos para entender a organização de experiência. Os quadros primários são aplicados direta e imediatamente em uma cultura, sendo construídos e modificados socialmente como elemento central da relação entre sujeito e sujeito e sujeito e/ou o mundo.

---

<sup>9</sup> A Teoria do Agendamento é entendida como as notícias que são pautadas diariamente pela mídia, ou seja, os meios de comunicação agendam a hora e o tema de nossas conversas.

A preocupação gerada pela sobreposição de quadros também fica clara por Goffman na ideia de *footing*, onde é observado o posicionamento dos interlocutores em uma relação, ou seja:

Os enquadramentos identificam os princípios de organização que presidem uma situação e o engajamento dos atores nela, os footings referem-se de modo mais específico ao posicionamento de tais atores em uma interação como enquadramento definido, mas passível de transformações. Nesse sentido frames e footings devem ser analisados em articulação nas reflexões sobre interações. (MENDONÇA e SIMÕES, 2012, p.190)

As noções de enquadramento são usadas como conceito operador em pesquisas empíricas variadas, sendo três os principais modelos de apropriação: análise da situação interativa, análise de conteúdo discursivo e análise de *framing effects*. De acordo com Robert Entman (1993, p.52 apud MENDONÇA e SIMÕES, 2012, p. 193), “enquadrar é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e ressaltá-los em um texto comunicativo, promovendo uma definição particular de um problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou um tratamento recomendado”.

Nesse sentido, o conceito operacional será utilizado nesse estudo para perceber os discursos e enunciados presentes nas telenovelas da emissora Rede Globo e definir como o enquadre da mulher gorda molda as relações e construções sociais. Além de analisar como esse dispositivo midiático inscreve nos quadros a invisibilidade do corpo gordo feminino, o conceito operador de enquadramento possibilitará:

Perceber os diferentes graus de força que os interlocutores dispõem para definir as situações e os quadros que as regem. Além disso, a identificação do quadro permite apreender o contexto em que as interações (dentro do programa e entre este e a audiência) se realizam (MENDONÇA E SIMÕES, 2012, p.193).

### **Procedimentos Metodológicos**

As novelas são protagonizadas por atrizes que estão inseridas no padrão estético de beleza exigido pela mídia, são mulheres que estampam capas de revista diariamente disseminando o corpo considerado belo pela sociedade e pelos meios de comunicação. Porém, nem mesmo elas possuem o cobiçado “corpo perfeito”, pois é sabido que estas fotos passam por intervenções em programas de edição. Ou seja, as mulheres são pressionadas a perseguir um padrão que nem ao menos existe de verdade.

Podemos dizer que atualmente as telenovelas produzidas pela emissora Rede Globo transmitem os valores de belo e feio para seus telespectadores, mesmo que isso não esteja claro



à primeira vista. Em “A TV e a dança dos valores”, França caracteriza os valores representados na mídia como forma de impor ou expor produtos e normas, “valores, portanto, atuam claramente, porém indiretamente, na nossa ação e intervenção no mundo” (FRANÇA, 2012, p.11).

Duas produções globais foram analisadas e enquadradas como objeto de análise através da especificidade do olhar comunicacional, em que se entende a “interseção de três dinâmicas básicas: o quadro relacional (relação dos interlocutores); a produção de sentidos (as práticas discursivas); a situação sociocultural (o contexto)” (Idem, 2001, p.16). As telenovelas foram escolhidas atendo-se ao fato da existência de uma protagonista e uma personagem gorda que ocupa obrigatoriamente um quadro secundário. Os contrastes entre o estereótipo da protagonista heroína e a personagem gorda caricata são observados nas produções “Alto Astral” e “Amor à Vida”. A segunda sendo analisada por ter exibido a personagem referência em gordofobia nos meios de comunicação. Dessa forma, seria impossível ignorar o potencial de problematização da personagem Perséfone.

Ao recortar os processos comunicativos e de circulação de informação, percebemos sua ligação ao que França (2001, p.6) chama de “processos humanos e sociais de produção, circulação e interpretação de sentidos, fundados no simbólico e na linguagem”. No presente caso, o telespectador, ao assistir uma novela, pode não ater-se às pequenas mensagens, assiste por entretenimento. Ao analisar uma dessas produções, utilizando a especificidade do olhar comunicacional, veremos que há muito mais por trás da protagonista romântica e da personagem gorda.

### **Sinopse da Novela Alto Astral**

Com o total de 161 episódios exibidos, “Alto Astral” foi uma produção da Rede Globo exibida no horário das 19 horas entre 3 de novembro de 2014 e 8 de maio de 2015. Escrita por Daniel Ortiz, a trama desenrolou-se na cidade fictícia de Nova Alvorada. Após enfrentar dificuldades para conseguir emprego em São Paulo, a jornalista Laura (protagonizada por Nathalia Dill) decide aceitar o emprego em uma revista da cidade e volta a morar com seu avô e seus irmãos, Bia (Raquel Fabbri) e Gustavo (Guilherme Leicam).

Paralelo a esse núcleo, o jovem médico Caíque (Sergio Guizé) descobre o dom de ver e se comunicar com espíritos, ele é filho de Maria Inês (Christiane Torloni) e meio-irmão de Marcos (Thiago Lacerda), ambos são herdeiros de um hospital de Nova Alvorada. O conflito

principal ocorre quando Caíque apaixonou-se por Laura sem saber que ela era noiva de seu meio-irmão, Marcos. A novela mostra a dificuldade dos mocinhos em viver seu amor e as investigações de Laura para descobrir quem é sua mãe biológica por quem foi abandonada ainda criança.

A trama reproduzida baseou-se no espiritismo, sendo que o amor entre os mocinhos é definido como algo vivido desde suas outras vidas, porém, por acasos e desencontros do destino, nunca haviam conseguido viver completamente o seu amor.

### **Sinopse da Novela Amor à vida**

Exibida no horário das 21 horas pela emissora Rede Globo, a telenovela teve, ao total, 221 episódios e foi exibida entre 20 de maio de 2013 e 31 de janeiro de 2014. Escrita por Walcyr Carrasco, a história girava em torno das disputas da família Khoury pelo controle do hospital San Magno. César Khoury (Antônio Fagundes) é clínico geral e também quem detém o comando dos negócios dentro do hospital. A família ainda é composta por sua mulher Pilar (Susana Vieira), Félix (Matheus Solano) e Paloma (protagonizada por Paolla Oliveira).

Paloma acaba de ser aprovada na faculdade de medicina e, à Felix, só restou a ambição de ser o único da família no comando do hospital San Magno. Para comemorar sua aprovação na faculdade, Paloma viaja com a família para o Peru, onde conhece Ninho (Juliano Cazarré) por quem acaba se apaixonando. Para viver seu amor com Ninho, a recém-formada acaba abandonando sua família e vivendo de carona pela América do Sul.

Mais tarde, ao ver-se grávida e sem dinheiro, a jovem decide voltar para a casa dos pais, no Brasil, e esconde sua gravidez por muito tempo, até que sua família finalmente descobre e Paloma decide fugir com Ninho que acabara de sair da prisão. Os dois passam uma noite de bar em bar. Quando o rapaz diz não querer assumir uma família, Paloma fica transtornada e o manda embora, acabando por entrar em trabalho de parto no banheiro de um boteco paulista. Félix aproveita que sua irmã está desacordada e pega a recém-nascida, Paloma passa anos sem saber do paradeiro de sua filha e que seu próprio irmão a havia jogado em uma caçamba de lixo.

### **Enquadramento e Valores da Personagem Bia**

A personagem Bia Martins foi interpretada em “Alto Astral” pela atriz Raquel Fabbri. Bia é uma menina doce e muito inteligente, porém vive uma guerra eterna com a balança e

sofre por não ter autoestima, o que a torna uma mulher extremamente insegura. Gustavo é irmão mais novo de Bia e é ele o responsável pelo drama da personagem, que tem seu perfil definido no site Gshow.

Irmã de Laura e Gustavo é uma gordinha cheia de complexos. Ficou obesa depois da morte dos pais, mas conseguiu emagrecer, apesar de ainda estar bem acima do peso. Não consegue se libertar da ideia de que é feia e gorda. Nunca teve um namorado e se refugia no trabalho e nos estudos. Bia é formada em psicologia, trabalha à noite em uma linha telefônica de ajuda a toxicodependentes. (Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/alto-astral/personagem/bia-martins.html#perfil>>. Acesso: 03. jul. 2016)

Quando a relação entre Bia e seu irmão Gustavo é analisada, percebe-se com clareza como o rapaz se encaixa em um quadro de ataque e opressão. A psicóloga é humilhada e tem seu corpo extremamente hostilizado pelo irmão na maioria das cenas exibidas, exemplificando essa relação. Uma cena específica foi analisada, em que Bia olha Israel de longe, é importante salientarmos a postura corporal da personagem. Bia se comporta como um animal acuado, como se o não pertencesse a esse mundo. Quando Gustavo se aproxima, suas palavras são duras e agressivas e tocam unicamente em um ponto, o corpo de Bia.

Se liga, Bia! Olha pra você, na boa. Olha essas pelancas, olha essa barriga, cê é muito desleixada. Cara... dá ate vergonha de ser teu irmão, aí... você acha que algum dia um cara como o Israel vai dar bola pra você? Posso te dar um conselho? Quem gosta de baleia é ecologista. (Diálogo entre Bia e Gustavo em Alto Astral. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3774343/>>. Acesso em: 01.jul.2016.)

Segundo a professora Vera Regina França (2012, p.10) “valores indicam preferências intersubjetivamente partilhadas e definem certos bens como mais atrativos que outros”, esses valores podem ser observados nos atos de Gustavo, pois seu comportamento é carregado de valores preconceituosos, quando ele se refere à sua irmã como “gorda”, como se o termo fosse algo ruim, digno de se envergonhar. Ao enquadrarmos o personagem Gustavo, observaremos a postura agressiva e o discurso de ódio direcionado a um tipo físico, que não passa de uma representação do mundo contemporâneo, em que o culto ao corpo “firme” e magro é propagado quase como uma religião que deve ser fielmente seguida.

À Bia restam as cenas de sofrimento exagerados, em seu figurino são apresentadas roupas nitidamente antigas e desleixadas, cabelo despenteado e óculos de grau que cobrem quase que completamente o seu rosto. Outro ponto observado sobre a caracterização da

personagem é a sua foto divulgação<sup>10</sup>, em que Bia aparece visivelmente transtornada e chorando, ou seja, fica estigmatizada por valores de tristeza e sofrimento.

Enquanto sua irmã Laura interpretada por Nathalia Dill, no papel da heroína protagonista, usa roupas da moda e está sempre muito bem arrumada. É magra, doce, possui um cargo de destaque na revista da cidade Celebrar e é disputada pelos dois galãs da novela. Apesar de desaprovar as atitudes de Gustavo, Laura, em uma das cenas<sup>11</sup>, chega a orientar sua irmã a procurar um tratamento médico, depois de ela ser humilhada à mesa do jantar por seu irmão. Ou seja, a mensagem passada pela personagem é de que é mais fácil a mulher gorda se adequar ao padrão da sociedade (mesmo que seja à base de remédios e tratamentos cirúrgicos invasivos), do que ser aceita como é.

A personagem Laura é magra, branca, alta e de cabelos lisos, e em sua postura essencialmente feminina e delicada, passa aos telespectadores a mensagem de sucesso, enquanto Bia, apesar de ser gentil e batalhadora é o fracasso. França (2012, p.11) pontua a relação entre valores e mídia “valores, portanto, atuam claramente, porém indiretamente, na nossa ação e intervenção no mundo”.

### **Enquadramento e Valores da Personagem Perséfone**

Interpretada por Fabiana Karla, a enfermeira Perséfone Fortino, é referência em casos de gordofobia na mídia, no caso da trama de Walcyr Carrasco, o preconceito tão escrachado chegou a beirar a infantilidade. Perséfone era constantemente humilhada, as pessoas no hospital San Magno referiam-se a ela como “baleia” e outros termos piores. A novela ficou marcada pela mobilização online de mulheres que se sentiram extremamente ofendidas com a representação irreal de uma mulher adulta e gorda. Uma petição online<sup>12</sup> foi criada para que o autor interrompesse os episódios de gordofobia disfarçados de humor.

É por isso que clamamos por mudanças. A cada dia as coisas pioram para a Gorda da novela e isso reflete diretamente na vida real de milhares de gordinhas. Queremos que o autor pare de relacionar virgindade com a obesidade da atriz, estamos cansadas da forma ridícula que vem sendo mostrada a mulher gorda através da personagem. Sabemos que a mídia influencia diretamente no senso comum. Este papel ajuda a propagar ainda

<sup>10</sup>Gshow. Perfil da Personagem Bia Martins de Alto Astral. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/alto-astral/personagem/bia-martins.html>> Acesso em: 03. jul. 2016.

<sup>11</sup>Gshow. Gustavo humilha Bia e Laura sugere que irmã faça um tratamento. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3939782/>>. Acesso em: 01. jul. 2016

<sup>12</sup>Abaixo-assinado pressionando autor de “Amor a Vida”. Disponível em: <<https://www.change.org/p/mudan%C3%A7a-na-personalidade-da-pers%C3%A9fone-na-novela-amor-%C3%A0-vida-que-o-autor-pare-de-relacionar-virgindade-com-obesidade-de-forma-rid%C3%ADcula>>. Acesso em: 06.jul.2016

---

mais a gordofobia que já é tão forte em nossa sociedade (Abaixo-assinado disponível online).

Além de a personagem ter ficado marcada pela humilhação por conta do seu tipo físico, outro aspecto era tratado pelo autor com preconceito: Perséfone era uma mulher adulta, gorda e virgem, e obviamente, só era virgem por ser gorda. A enfermeira tinha a saga de conseguir se livrar do estigma de virgem e, mais uma vez, o autor apenas solidificou os conceitos machistas da sociedade. As tentativas de sedução de Perséfone eram todas frustradas por conta do seu corpo, isto é, a novela representou que só é possível um homem se interessar sexualmente por uma mulher que corresponda ao padrão.

A personagem é enfermeira-chefe de um renomado hospital paulista e sua postura, ingênua e infantilizada, nada combina com o cargo de confiança que ocupa. É objetificada e desrespeitada por todos os funcionários. Em vários momentos da novela, Perséfone perde sua identidade, sendo chamada apenas de “a gorda”. Daniel também é médico do hospital e um dos que se referem a ela dessa forma, chegando até a dizer que ao se envolver sexualmente com a moça, estaria fazendo uma caridade.

Após ser humilhada e rebaixada por seu opressor, a personagem ainda casa-se com o mesmo. Walcyr além de construir uma personagem cercada de gordofobia, também expôs o machismo ao mostrar que a felicidade da enfermeira estava diretamente ligada a um homem. Após se casarem, o médico começa a pressionar e mais uma vez oprimir Perséfone por conta do seu corpo.

Em um artigo divulgado online no site da Revista Época<sup>13</sup>, quanto ao destino da personagem, Walcyr escreveu que “um dia as gordinhas me agradecerão”. Ele se referia ao final da novela, onde a personagem termina o seu relacionamento com Daniel e se envolve com outro personagem chamado Vanderlei que incentiva Perséfone a aceitar o convite para iniciar uma carreira de modelo *plus-size*.

### **Considerações Finais**

Muitos acham que a televisão não ostenta mais níveis consideráveis de audiência devido a crescente ascensão da internet e seus produtos. Porém, a Rede Globo continua a reservar um bloco de horários especialmente para suas telenovelas, suas produções continuam a ditar o *agenda-setting* e a reunir famílias em frente aos aparelhos de televisão. Os

---

<sup>13</sup>Época. Ser Gorda, e daí?. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/vida/walcyr-carrasco/noticia/2013/06/ser-gorda-e-dai.html>>. Acesso em: 06. jul. 2016.

telespectadores são atingidos, enquanto sociedade, por essas produções que introduzem discursos alternativos, além de impor e ditar padrões e modismos.

A problematização em torno de um padrão estético de beleza vem sendo discutida, pois mulheres morrem todos os anos tentando alcançar uma “beleza” que não existe, que é moldada pelos veículos de distribuição em massa. A Rede Globo ainda é referência no quesito dramaturgia e reproduz os conceitos de “mulher-padrão”, auxiliando, assim, na configuração de uma construção social. Suas protagonistas serão sempre mulheres extremamente sensuais (mesmo não intencionalmente) e, acima de tudo, magras.

A gordofobia é apontada no momento em que a mulher gorda é tida como invisível nas produções da emissora, ou como no caso das personagens que guiaram o estudo deste artigo, as quais são enquadradas em *frames* cômicos ou dramáticos, nunca uma mulher segura e realizada, tanto no âmbito amoroso quanto profissionalmente. No caso de Bia Martins e Perséfone Fortino, durante os episódios exibidos foram humilhadas e objetificadas, perderam sua identidade, ganharam “a gorda” como novo nome e tiveram seus corpos apontados como sinônimo de fracasso. Nos dois casos o sucesso só foi atingido quando acontece o casamento com o galã global da novela.

Ao trazermos os discursos de cada uma das produções para o viés comunicacional, observamos o quanto esse tipo de enunciado interfere na relação dos telespectadores com as mulheres gordas e dessas mulheres com seus corpos. Ao analisar os enquadres de cada personagem, pode-se perceber como Bia e Perséfone encaram seus corpos com tristeza e repulsa, tendo a segunda, em certo momento da trama, optado por dietas restritivas apenas para agradar seu marido.

A mensagem das personagens de não pertencimento em uma sociedade, exclusivamente por serem gordas, atinge cada receptor de maneira diferente. A dramaturgia global reflete a atual configuração social, em que mulheres gordas são vistas e julgadas por olhares de repulsa. A telespectadora recebe mais uma vez a mensagem de que só obterá sucesso quando corresponder ao padrão das protagonistas heroínas das telenovelas, mulheres batalhadoras, realizadas amorosa e profissionalmente.

Do que vale o final feliz da personagem gorda se antes foram necessários inúmeros capítulos em que o ódio ao corpo da mulher gorda é escancarado? São necessários os estudos comunicacionais a respeito da gordofobia invisível presente nas escolhas das protagonistas da Rede Globo ao apagar toda a identidade de uma mulher e dar a ela a alcunha de “gorda”, criando

uma personagem, não para dar representatividade às mulheres gordas, mas para serviço cômico ou dramático.

### Referências Bibliográficas

VASCONCELOS, N. A. de; SUDO, I; SUDO, N. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. **Rev. Mal-Estar e Subj.** Fortaleza , v. 4, n. 1, p. 65-93. 2004.

FRANÇA, V. R. V. A TV e a dança dos valores: roteiro analítico para tratar da relação entre televisão e sociedade. In: **Mídia, instituições e valores**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

\_\_\_\_\_. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? **Ciberlegenda**, n. 5, 2001.

MENDONÇA, R. F; SIMÕES, P. G. Enquadramento: Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 79. 2012.

LOPES, M. I. V. Narrativas televisuais e identidade nacional: o caso da telenovela brasileira. **Intercom**. 2002.

**Revista Fórum**. Gordofobia como questão política e feminista. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/digital/163/gordofobia-como-questao-politica-e-feminista/>> Acesso em: 20. jun. 2016.

**Wikipedia**. Novela Alto Astral. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Alto\\_Astral/](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alto_Astral/)> Acesso em: 3. Jul. 2016.

**Wikipedia**. Novela Amor à Vida. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Amor\\_%C3%A0\\_Vida/](https://pt.wikipedia.org/wiki/Amor_%C3%A0_Vida/)> Acesso em: 3. jul. 2016.

**Wikipedia**. Rede Globo. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede\\_Globo/](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_Globo/)> Acesso em: 7.jul. 2016.

**Gshow**. Perfil personagem Persefone Fortino. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/amor-a-vida/personagem/persefone-fortino.html/>> Acesso em: 4. jul. 2016.

**Gshow**. Perfil personagem Bia Martins. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/alto-astral/personagem/bia-martins.html/>> Acesso em: 4. jul. 2016.

**Carta Capital**. As Diversas Ondas do Feminismo Acadêmico. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/feminismo-academico-9622.html/>> Acesso em: 5. jul. 2016.